



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

ERYELLE CRISTINA NASCIMENTO MOTA

**MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA PARA AUTONOMIA: REFLEXÕES DA PRÁTICA
PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

João Pessoa-PB

2020

ERYELLE CRISTINA NASCIMENTO MOTA

**MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA PARA AUTONOMIA: REFLEXÕES DA PRÁTICA
PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para o título de Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus de João Pessoa.

Orientador: Prof. Dr. Vinicius Varella Ferreira

João Pessoa-PB

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

MECm Mota, Eryelle Cristina Nascimento.

Mediação Pedagógica para autonomia: Reflexões da
prática pedagógica no ensino fundamental / Eryelle
Cristina Nascimento Mota. - João Pessoa, 2020.

63 f. : il.

Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Mediação, mediação pedagógica, ensino fundamental.

I. Título

UFPB/BC

ERYELLE CRISTINA NASCIMENTO MOTA

**MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA PARA AUTONOMIA: REFLEXÕES DA PRÁTICA
PEDAGÓGICA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para o título de Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus de João Pessoa.

Aprovado em: 27 / 03 / 2020

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Vinicius Varella Ferreira
Universidade Federal da Paraíba/UFPB
(Orientador)

Prof^ª. Dr^ª. Quezia Vila Flor Furtado
Universidade Federal da Paraíba/UFPB
(Membro da banca examinadora)

Prof^ª. Me. Sheila Gomes de Melo
Universidade Estadual da Paraíba/UEPB
(Membro da banca examinadora)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois é por meio Dele que provém todas as coisas, é a luz a me guiar na escuridão, meu bom pastor e refúgio nos momentos de aflição.

Agradeço a minha mãe Erica, por acreditar em mim, se sacrificar para me ver realizar meus sonhos e em nenhum momento se permitir esmorecer, sua força é uma inspiração para mim e um incentivo a jamais desistir.

Ao meu pai Elisangelo, que mesmo em meio a tantas adversidades nunca deixou de me apoiar, incentivar e acreditar que eu era capaz de realizar coisas que nunca sonhei.

À minha vó Edite, por me ajudar em momentos difíceis e ser meu exemplo de perseverança e fé, me motivando a conquistar lugares inalcançáveis.

À minha tia Erimeia, meu tio Eduardo e meu primo Erick por me acolher em sua casa e como parte de sua família durante esses anos de graduação, sem seu apoio eu não seria capaz de continuar.

Aos meus Tios Adailton e Daniele, que me ajudaram e permitiram-me continuar estudando em momentos de dificuldade.

Ao meu amor Victor Vinícius, por estar ao meu lado em cada passo dessa jornada, segurando minha mão e não me permitindo desistir dos meus sonhos, todo seu carinho, atenção e paciência nos momentos de dificuldade me fortaleceu e me incentivou a continuar tornando a caminhada mais leve e minha vida mais feliz.

À minha sogra Nalva, meu sogro Vicente e meus cunhados, por me receberem em sua família e me apoiarem na realização do meu sonho.

À minha turma de pedagogia (2016.1), que levarei com carinho em meu coração ao findar dessa jornada. Em especial as minhas amigas Isabella Hellen, Giovana Hellen, Janaina Vidal e Mariana Silva que me apoiaram e torceram por mim no decorrer do curso de graduação.

À todos os professores que de uma forma direta ou indireta foram responsáveis pelo meu crescimento intelectual, mediante seus ensinamentos no curso de graduação.

Em especial ao meu querido orientador Vinícius Varella, por me aceitar e acreditar na realização deste trabalho, agradeço ainda por todo apoio e paciência no acompanhamento de cada etapa para que o mesmo chegasse ao seu término.

*“Ensinar não é transferir conhecimento, mas
criar as possibilidades para a sua própria
produção ou a sua construção.”*

Paulo Freire

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo compreender a mediação pedagógica e o desenvolvimento da autonomia dos educandos através das práticas de uma professora do 5º ano do ensino fundamental. A pesquisa realizou-se na cidade de João Pessoa, na Escola Municipal Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque localizada no Bairro das Indústrias. Para tanto foram observadas e analisadas cinco aulas. Posterior à observação realizamos uma entrevista semiestruturada com a professora e com dez alunos de forma individual, para tratarmos sobre o entendimento dos mesmos a respeito do que seria mediação e autonomia. Também, por meio da entrevista, foi possível maior aprofundamento de algumas questões por nós percebidas no decorrer das observações. Para tratarmos sobre o conceito de mediação, mediação pedagógica e autonomia elencamos os seguintes autores: Fontana (1996), Freire (1996) e Vygotsky (1896). No tocante à metodologia, a pesquisa teve uma abordagem qualitativa, pois buscou o entendimento perante os fatos e não a sua quantificação, pressupondo a subjetividade na interpretação dos mesmos. No que diz respeito aos procedimentos técnicos a pesquisa caracterizou-se como de campo e de caso, pois teve como ação a observação dos fatos integrados a sua realidade, buscando entender um caso particular em profundidade. Em decorrência da averiguação sobre resultados da pesquisa verificamos que as práticas da professora ocorrem por meio da mediação, e suas propostas de atividade tendem a valorizar a construção da autonomia e aprendizagem do aluno no âmbito escolar, caracterizando-se como boas práticas de ensino. Ainda que em entrevista a mesma tenha afirmado que a metodologia utilizada na realização de suas aulas seja de cunho tradicional, identificamos por meio das observações que a sua prática identificava-se como expositiva dialogada, uma vez que permite a participação dos alunos de maneira ativa considerando os saberes aos quais os mesmos apresentam na realização das aulas, levando o educando a uma reflexão crítica sobre sua realidade. É possível perceber nos alunos indícios de autonomia no âmbito escolar, possibilitado, principalmente pelo papel da mediação exercida pela professora.

Palavras-Chave: Mediação. Mediação pedagógica. Ensino fundamental. Autonomia.

LISTA DE SIGLAS

NDR- Nível de Desenvolvimento Real.

NDP- Nível de Desenvolvimento Potencial.

ZDP- Zona de Desenvolvimento Proximal.

CACS- Conselho de Acompanhamento e Controle Social.

PMJP- Prefeitura Municipal de João Pessoa.

SEDEC- Secretaria de Educação e Cultura.

SAEB- Sistema de Educação Básica.

MD- Materiais didáticos manipuláveis.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Entendimento acerca da ministração dos conteúdos.....	35
Quadro 2: Relação professor/ aluno.....	40
Quadro 3 : Mediação por meio do docente/ aluno.....	47
Quadro 4: Debates acerca da temática discutida em classe.....	49
Quadro 5: Oportunidade de sanar possíveis dúvidas	51
Quadro 6: O que é autonomia/ visão dos alunos.....	54

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Exemplo diferenciando metros e centímetros.....	33
Figura 2: Medição dos alunos.....	37

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	14
2.1. Local da Pesquisa	15
2.2. Universo da pesquisa	15
2.3. Instrumentos e estratégias de coletas de dados	16
2.4. Análise de dados.....	16
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
3.1 Mediação Pedagógica	18
3.2 Autonomia Segundo Paulo Freire	25
4 MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA: PRÁTICA DOCENTE NO DESENVOLVIMENTO DO APRENDIZADO DO ALUNO E SUA AUTONOMIA.....	29
4.1- Práticas da professora aplicadas a turma de 5º ano.....	29
4.2 A mediação pedagógica através da relação professor e aluno	40
4.3 A influência da mediação no desenvolvimento da autonomia do educando	44
5 CONCLUSÃO	56
REFERÊNCIAS:	58
APÊNDICE.....	60

1 INTRODUÇÃO

Mediação é um termo que pode ser utilizado em diversas áreas do conhecimento e ser encontrado nas mais variadas esferas sociais, tem como prioridade o processo de interação e comunicação entre indivíduos, possibilitando um maior acesso a informações. No âmbito escolar a mediação pode facilitar a socialização de saberes, sendo capaz de proporcionar uma maior autonomia aos sujeitos.

Tomando como base a perspectiva jurídica, o mediador tem como função conduzir ambas as partes em busca da resolução de conflitos, conduzindo a conversa de modo a conquistar a aproximação dos sujeitos envolvidos, estabelecendo espaço para a comunicação. Salientado pela Lei N ° 13.140 de 26 de junho de 2015 que de acordo com BRASIL (2015) Parágrafo único: “Considera-se mediação a atividade técnica exercida por terceiro imparcial sem poder decisório, que, escolhido ou aceito pelas partes, as auxilia e estimula a identificar ou desenvolver soluções consensuais para a controvérsia”.

De acordo com Costa (2013), na filosofia, a mediação é apresentada como um termo que permeia ampla relação com o diálogo consigo mesmo, com o outro e com as ideias. Os filósofos clássicos como Platão, Sócrates e Aristóteles, utilizavam a dialética como objeto de mediação, como forma de possibilitar o autoconhecimento e construir relações com o outro.

Já a mediação pedagógica que é o objeto de nosso estudo está relacionada a métodos e técnicas educativas que garantem o desenvolvimento do mediado (aluno), em busca de seu progresso e aquisição de conhecimento. A mediação pode ocorrer de maneira presencial, em que o professor atua como mediador pedagógico, ou a distância em que essa relação passa a ser mediada por Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação - TDIC.

Desse modo, em nossa pesquisa, utilizaremos os pressupostos de Vygotsky de que a linguagem é mediadora de todo o processo de elaboração da criança e sofre mudanças ao longo do desenvolvimento, não permanecendo estática. Tendo em vista a relevância da linguagem para a nossa pesquisa, salienta-se ainda que o significado das palavras pode modificar-se e evoluir à medida que a criança cria categorias conceituais, que são a base para futuras generalizações, tornando o processo de mediação ainda mais complexo. Assim, concordamos com Vygotsky (1896, p. 83) quando afirma que:

Em qualquer idade, um conceito encarnado em uma palavra representa um ato de generalização. Mas os significados das palavras evoluem e, quando a criança aprende uma nova palavra, o seu desenvolvimento mal começou.

Na escola, o professor torna-se mediador do processo de aquisição do conhecimento socialmente elaborado e historicamente produzido. Dessa forma cabe ao professor fornecer as possibilidades por meio da linguagem para que o aluno torne-se autor do seu processo educativo. Assim, podemos ratificar que a linguagem e a aprendizagem surgem lado a lado na gênese do desenvolvimento.

Levando em conta os métodos e técnicas utilizados pelos professores na atualidade, partimos do pressuposto de que ainda hoje as práticas dos professores ocorrem por meio da mediação de forma tradicional, prejudicando muitas vezes, o desenvolvimento da autonomia dos educandos. Contudo, entendemos que o mediador é reconhecido como sendo o mais eficiente, como discutido por Vygotsky, o que nos faz refletir se, de fato, o professor sempre será o mediador entre o aluno e seu aprendizado, principalmente quando se trata de um ensino reprodutivo e estático que não leve o aluno a um processo de reflexão e autonomia para o seu desenvolvimento.

Conceituaremos autonomia tomando por base Paulo Freire (1996), que pressupõe saberes e competências necessárias para a prática educativa, as quais são construídas por nós professores no decorrer do processo de ensinar-aprender, que é contínuo. Assim como o desejo intrínseco de proporcionar uma educação realmente voltada para a libertação do educando em sua busca por autonomia, como vemos em FREIRE (1996, p. 26):

Estas qualidades ou estas virtudes absolutamente indispensáveis à posta em prática deste outro saber fundamental à experiência educativa saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando não são regalos que recebemos por bom comportamento. As qualidades ou virtudes são construídas por nós no esforço que nos impomos para diminuir a distância entre o que dizemos e o que fazemos. Este esforço, o de diminuir a distância entre o discurso e a prática, é já uma dessas virtudes indispensáveis – a da coerência.

O desejo para a investigação da temática surgiu mediante a realização de meus estágios supervisionados componente obrigatório do curso de pedagogia da UFPB, nos quais por meio de observação das aulas pude perceber a carência de atividades que proporcionasse ao aluno o desenvolvimento de sua autonomia no âmbito escolar, nos quais os mesmos caracterizam-se como coadjuvantes no seu processo de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, podemos considerar a notoriedade do educador no tangente ao planejamento e execução de suas atividades na sala de aula, tendo em vista que na escola o papel do professor como mediador deve ser intencional e explícito. A esse respeito Fontana (1996, p. 29-30) conceitua que:

Sua finalidade - ensinar/aprender é explícita para seus participantes (um adulto e um grupo de crianças) que ocupam lugares diferenciados e organizados hierarquicamente na instituição escolar. Em função dessa hierarquização dos lugares ocupados pelos interlocutores, a ação pedagógica (do professor) imprime marcas nessa relação, instaurando modos de interlocução e controlando (de diferentes formas e com nuances diversas) os sentidos em circulação no processo de elaboração conceitual.

Portanto o professor como sujeito de sua criação deve ser consciente de sua posição na hierarquia escolar, a qual usufrui de vantagens, considerando-o como figura de autoridade. Todavia o educador democrático ciente do lugar que ocupa e das marcas que imprime no desenvolver de sua ação pedagógica busca orientar seus alunos de maneira dialógica de modo a auxiliar na acomodação de novos conceitos e construção de consciências críticas.

Desse modo podemos considerar a relevância que a pesquisa sobre a Mediação pedagógica em uma perspectiva freiriana no ensino fundamental tem tanto no âmbito educacional quanto social. Uma vez que possibilita um olhar mais apurado para o contexto da sala de aula, bem como para com as relações nela existentes, favorecendo uma análise sobre o trabalho pedagógico mediante a transmissão de conhecimento e ao favorecimento do educando tornar-se autônomo.

Desse modo, a pergunta a nortear nossa pesquisa é: as práticas pedagógicas utilizadas pelo professor ocorrem por meio da mediação de forma a proporcionar o desenvolvimento da autonomia do educando em seu processo de aprendizagem?

Assim sendo, em nossa pesquisa temos por objetivo geral, compreender a mediação pedagógica e o desenvolvimento da autonomia do educando através das práticas do professor. Para tanto, traçamos como objetivos específicos: i) Investigar as práticas do professor aplicadas às turmas de 5º ano; ii) Identificar a mediação pedagógica através da relação professor/aluno e; iii) Verificar a influência da mediação no desenvolvimento da autonomia do educando no processo de aprendizagem.

Quanto à metodologia, a abordagem adotada em nossa pesquisa é de cunho qualitativo, de modo que buscamos compreender os fatos e não quantificá-los, antes analisar

os dados mediante a observação do objeto em sua realidade. A respeito dos procedimentos técnicos fizemos o uso de uma pesquisa bibliográfica, partindo de uma busca preliminar dos materiais já publicados.

Referido à fundamentação teórica, tomamos por base Fontana (1996) que investigou o desenvolvimento conceitual na criança mediante as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula, Freire (1996) que reflete sobre a prática educativa em favor da autonomia dos educandos, Vygotsky (1896) que investigou a relação entre cognição e linguagem e sua transmissão através das palavras.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia é um conjunto de métodos e técnicas com o fim de se alcançar os objetivos da pesquisa, além de possibilitar a outros pesquisadores percorrer o caminho por nós trilhado. A esse respeito, este capítulo destina-se a descrição da pesquisa, a forma como sucedeu a coleta de dados e sua interpretação.

Desse modo, a pesquisa será feita de modo qualitativo, buscando dessa a compreensão dos dados e não a sua quantificação, pressupondo a subjetividade no tocante a interpretação dos fatos, Gil (2002, p. 133), afirma que:

A análise qualitativa é menos formal do que a análise quantitativa, pois nesta última seus passos podem ser definidos de maneira relativamente simples. A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório.

Em consequência de um melhor entendimento do objeto por nós estudado, optamos por realizar uma pesquisa de campo, a qual exige do pesquisador uma observação minuciosa da realidade, procurando o aprofundamento de questões de modo a conseguir informações sobre determinado problema, assim como afirma Lakatos (2003, p. 186) que a:

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presumem relevantes, para analisá-los.

O projeto também se fundamenta em uma pesquisa de Caso. Segundo Ludke e André (1986, p. 11) o estudo de caso possibilita “O contato estreito e direto com a situação onde os fenômenos acontecem, permitindo conhecer as circunstâncias particulares em que o objeto de estudo se insere.” Enquanto que Gil (2002, p. 138) aponta que o estudo de caso:

(...) refere-se a um indivíduo num contexto definido. Por exemplo: um paciente de transplante de coração, antes, durante e seis meses após a cirurgia, no contexto de sua família e do hospital. O conceito de caso, no entanto, ampliou-se, a ponto de poder ser entendido como uma família ou qualquer outro grupo social um pequeno grupo, uma organização, um conjunto de relações, um papel social, um processo social, uma comunidade, uma nação ou mesmo toda uma cultura.

Deste modo o estudo de caso não busca fornecer uma simples explicação, mas compreender um caso em particular em profundidade, exigindo do pesquisador abrangência e cuidado para não resultar em uma visão superficial.

Em continuidade, descreveremos o local da pesquisa, os sujeitos e os instrumentos utilizados em nossa pesquisa, de modo a cumprir com as demandas de nosso objeto de estudo.

2.1. Local da Pesquisa

A pesquisa realizou-se na cidade de João Pessoa, na Escola Municipal Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque localizada no Bairro das Indústrias. A escolha da escola se deu pelo fato de ser o campo de minha atuação nos estágios obrigatórios referentes ao ensino fundamental do curso de Pedagogia, na qual possuo acesso sem maiores entraves, além da localização geográfica, facilitando a mobilidade da pesquisadora, permitindo que a mesma alcance os objetivos da pesquisa. Do mesmo modo, e tomando como fator principal, a professora do 5º ano se destacar por desenvolver boas práticas de ensino com seus alunos.

2.2. Universo da pesquisa

Ademais, o universo da pesquisa foi constituído por uma professora atuante no 5º ano do ensino fundamental e sua turma. A escolha por esse ano de ensino em específico decorreu devido à hipótese de que os alunos que se encontram no último ano do primeiro segmento do ensino fundamental (fase transitória para os anos finais do ensino fundamental) possuem maior autonomia, além do fato de podermos observar a mediação exercida pela professora levando em consideração os aspectos mencionados.

Utilizamos a indicação A, B C... dos alunos para manter o sigilo de suas identidades, assegurando o sigilo de suas participações, de modo a observar os aspectos discutidos em sala de aula.

2.3. Instrumentos e estratégias de coletas de dados

Quanto aos instrumentos de coleta de dados, realizamos observação de cinco aulas e entrevista semiestruturada. A observação é utilizada para se conseguir dados e informações de determinados aspectos da realidade ajudando o pesquisador a ter um contato mais direto com a realidade, assim como aponta Lakatos (2003, p. 190).

A observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. Desempenha papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. É o ponto de partida da investigação social.

A entrevista é um instrumento utilizado através de uma conversação a fim coletar dados e informações necessárias para uma dada pesquisa. A respeito da entrevista semiestruturada LAKATOS (2003, p. 197) cita ainda que “O entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal”.

A entrevista foi realizada com a professora e 10 alunos, com o objetivo de compreender certos aspectos observados no decorrer das aulas, de tal forma que fosse possível compreender melhor o nosso objeto de estudo. Para tanto, realizamos a gravação das aulas as quais possibilitaram uma melhor análise dos discursos proferidos pela professora e pelos alunos.

2.4. Análise de dados

Desse modo a análise dos dados se deu por meio da análise do discurso mediante a observação das visitas na escola e entrevista realizada com a professora e alunos. Referente a análise do discurso, BARDIN (1977, p. 213) cita que “Essa técnica de análise inscreve-se numa sociologia do discurso e procura estabelecer ligações entre a situação (condições de produção) na qual o sujeito se encontra e as manifestações semântico-sintáticas da superfície discursiva.”

Dessa forma organizamos os dados em três blocos, mediante a observação dos nossos objetivos, sendo esses:

- Investigar as práticas do professor aplicadas às turmas de 5º ano;
- Identificar a mediação pedagógica através da relação professor/aluno;
- Verificar a influência da mediação no desenvolvimento da autonomia do educando.

Fazendo a interlocução entre as observações das aulas, os autores por nós estudados e a entrevista realizada com a professora e com os alunos.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Mediação Pedagógica

A mediação tem origem e resulta da relação social do homem com o mundo de forma dialética, nota-se que não é um processo restrito apenas ao ambiente escolar, ela pode surgir nas mais diversas esferas da sociedade, entretanto, no ambiente escolar a mediação possui especificidades, dentre elas a sistematização do conhecimento que tem como principal função difundir o saber socialmente elaborado e historicamente acumulado.

Essa sistematização é feita em busca de um melhor rendimento escolar e, por vezes, desconsidera as formas como ocorre o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos, as motivações e interesses da criança, devendo a mesma se adequar a normas e regras escolares deixando em segundo plano sua busca por autonomia.

O homem como ser social, aprende mediante a troca de informações com o meio, esse processo cria as condições para a transformação e organização do pensamento. De acordo com Fontana (2005) é na relação com o outro que nos apropriamos, produzimos e transformamos atividades práticas que circundam a sociedade, e é na internalização dessas ações que nos constituímos como sujeitos.

Quando internalizamos as ações por meio da interação com o outro controlamos nosso comportamento e as funções psicológicas vão sendo mediadas conscientemente, segundo Vygotsky (1896) esse processo tem como base a mediação semiótica (por meio da linguagem). Haja vista podermos considerar que o pensamento e a linguagem são processos distintos, mas que mantêm relação entre si.

A esse respeito (VYGOTSKY, 1896, p. 54) afirma que:

“o desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, ou seja, pelos instrumentos linguísticos do pensamento e pela experiência sociocultural da criança (...). O crescimento intelectual da criança depende do seu domínio dos meios sociais de pensamento, ou seja, da linguagem”.

Dessa forma, compreendemos que a linguagem pode ser considerada como mediadora no desenvolvimento do pensamento.

De certo, podemos afirmar que o pensamento verbal não é inato, e esse é fundamental para que ocorra o processo de mediação, uma vez que os conceitos são construídos culturalmente e internalizados pelo indivíduo ao longo do seu processo de desenvolvimento. No início da vida escolar a criança não tem desenvolvido totalmente os processos psicológicos que constituem o pensamento conceitual, utilizando-os de forma arbitrária, muitas vezes inconsciente.

Desta feita, destacamos que a formação de conceitos passa por três fases distintas. No primeiro momento é chamado de “pensamento sincrético”. Nessa fase a palavra tem a função de classificar e organizar pensamentos e ações, a criança forma um amontoado de objetos sem nenhuma relação factual e concreta real. A esse respeito Vygotsky (1896, p. 62) cita que:

Neste estágio, o significado das palavras para a criança não denota mais do que uma conglomeração sincrética e vaga dos objetos individuais que duma forma ou doutra coalescem numa imagem no seu espírito. Dada a sua origem sincrética, essa imagem é altamente instável.

A segunda fase no desenvolvimento do pensamento chama-se pensamento por complexos. Neste tipo de pensamento os objetos são classificados por suas características físicas a partir das relações que tem com situações reais, as ligações factuais presentes nos complexos são estabelecidos a partir de experiências diretas da criança com o mundo social. Segundo Vygotsky (1896, p. 64):

Num complexo, os objetos individuais isolados encontram-se reunidos no cérebro da criança não só pelas suas impressões subjetivas, mas também por relações realmente existentes entre esses objetos. Isto é um novo passo em frente, uma progressão para um nível muito superior.

Nessa fase de desenvolvimento do pensamento, as ligações tornam-se mais concretas e reais, a sua organização não é feita por meio de uma unidade lógica, os agrupamentos de pensamento podem ser diversos. O pensamento por complexos é fundamental para o desenvolvimento linguístico da criança, ele cria a base para que futuramente possa realizar generalizações.

Entre o pensamento por complexo e o pensamento por conceitos existe uma ligação chamada *pseudo-conceitos*, essa forma de pensamento é elementar para que ocorra a mediação, pois ela é ponte de comunicação entre crianças e adultos. A aquisição da linguagem da criança passa pela acomodação dos complexos para os conceitos, podemos dizer que as palavras como elo entre crianças e adultos coincidem pelo seu referente, mas não

pelo seu significado, sendo este transformado mediante a acomodação e desenvolvimento do pensamento. Assim, Vygotsky (1896, p. 70), aponta que:

O pseudo-conceito serve como elo entre o pensamento por complexos e o pensamento por conceitos. É dual por natureza, pois um complexo já traz em si a semente em germinação de um conceito. O intercâmbio verbal com os adultos torna-se assim um poderoso fator de desenvolvimento dos conceitos infantis. A transição entre o pensamento por complexos e o pensamento por conceitos passa despercebida à criança, porque os seus pseudo-conceitos já coincidem no seu conteúdo com os conceitos dos adultos.

A última fase do desenvolvimento do pensamento chama-se pensamento por conceitos. Os conceitos são construções culturais internalizadas pelo indivíduo ao longo do seu processo de amadurecimento, eles podem ser construídos de forma espontânea e cotidiana por meio de experiências pessoais ou cientificamente elaborados em sala de aula, com a ajuda do professor, adquiridos por meio do ensino sistemático.

É por meio da elaboração conceitual, em que os indivíduos refletem cognitivamente suas experiências, esse processo ocorre por meio da abstração e da síntese e é mediado pela palavra. Dessa forma podemos afirmar que o desenvolvimento das funções cerebrais se dá de fora para dentro, como observado em Fontana (2005, p. 14).

A maturação orgânica, os princípios biológicos gerais, determinando o desenvolvimento dos processos mentais elementares, influi sobre o desenvolvimento da conceitualização, na medida em que eles são a base a partir da qual se opera o desenvolvimento de todas as funções mentais superiores mediadas semioticamente. Mas a formação de conceitos depende fundamentalmente das possibilidades que os indivíduos têm (ou não) de, nas suas interações, se apropriarem (dos) e objetivarem os conteúdos e formas de organização e de elaboração do conhecimento historicamente produzido.

Como seres sociais aprendemos mediante as possibilidades de no decorrer de nossas relações diárias, nos apropriarmos de conteúdos e formas de organização eminentes e para que isso ocorra necessitamos estar em contato uns com os outros para uma permanente troca de experiências. A aprendizagem dos meios mais elevados de pensamento e abstração não é adquirida de forma espontânea, mas sim é decorrente do processo histórico-cultural da sociedade humana. Nesta direção, Vygotsky (1896, p. 55) afirma que:

O pensamento verbal não é uma forma natural de comportamento, inata, mas é determinado pelo processo histórico-cultural e tem propriedades e leis específicas que não podem ser encontradas nas formas naturais do pensamento e do discurso. Desde que, admitamos o caráter histórico do pensamento verbal, teremos que o considerar sujeito a todas as premissas do

materialismo histórico, que são válidas para qualquer fenômeno histórico na sociedade humana.

Dessa forma, a maturação orgânica depende dos princípios biológicos, mas a formação de conceitos depende das possibilidades que os indivíduos têm de, nas suas interações se apropriarem e objetivarem os conteúdos e formas de organização e elaboração do conhecimento historicamente produzido e essas possibilidades fornecidas pelo professor caracterizam diferenças no desenvolvimento dos alunos.

De acordo com Vygotsky existe relação entre o processo de desenvolvimento e a capacidade de aprendizado. Esse processo pode ser caracterizado em dois níveis, aos quais podemos mencionar o nível de desenvolvimento real (NDR) no qual a criança encontra-se capaz de solucionar problemas individualmente e o nível desenvolvimento potencial (NDP) que é caracterizado pelo que a criança não consegue realizar por conta própria, mas que pode ser alcançada com a ajuda de outrem, no âmbito escolar essa ajuda pode ser fornecida pelo professor ou pelos seus pares. Existe ainda um conceito elaborado por Vygotsky que é caracterizada pela distância entre o que o aluno pode fazer individualmente e aquilo que é capaz de fazer com a ajuda de outros sejam eles aprendizes ou mestres.

Essa distância entre o NDR e o NDP é chamada de zona de desenvolvimento proximal (ZDP). Vygotsky declara que: “Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.”(COLE, 1991, p. 58).

A criança chega a escola com uma bagagem cultural de um saber não sistematizado e a medida que a mesma é inserida no ambiente educacional em que a aprendizagem é caracterizada por um saber sistematizado e previamente organizado produz algo de fundamentalmente novo o qual a criança não consegue distinguir em um primeiro contato, necessitando da ajuda de outra pessoa como mediador desses saberes. Dessa forma salientamos a importância do professor como mediador que por meio da sua instrução auxilia o aluno na resolução de problemas, no qual o mesmo encontra-se em processo de maturação de suas funções psicológicas. Dessa forma concordamos com Vygotsky quando afirma que:

A zona de desenvolvimento proximal provê psicólogos e educadores de um instrumento através do qual se pode entender o curso interno do desenvolvimento. Usando esse método podemos dar conta não somente dos ciclos e processos de maturação que já foram completados, como também

daqueles processos que estão em estado de formação, ou seja, que estão apenas começando a amadurecer e a se desenvolver.(COLE, 1991 p. 58) .

Portanto na perspectiva de Vygotsky só ocorre uma boa instrução quando a mesma faz prosseguir o desenvolvimento. A essa medida podemos afirmar que o professor como mediador deve em sua função considerar a ZDP, proporcionando ao aluno espaços para o mesmo seja capaz de elevar seu nível de conhecimento a partir da reflexão, fornecendo assistência quando lhe for necessário, permitindo atingir seu desenvolvimento potencial e isso só ocorre por meio da interação do aluno para com o meio em que está inserido.

A formação de conceitos durante o processo de desenvolvimento não ocorre de maneira mecânica e linear, todavia é um processo complexo que envolve todas as funções intelectuais as quais se orientam a fim de se alcançar um objetivo e, essa forma de orientação, só é possível mediante a utilização da palavra. O desenvolvimento da formação de conceitos começa durante a infância, mas a sua maturação progride durante a puberdade como aponta Vygotsky (1896, p. 61):

O desenvolvimento dos processos que acabam por gerar a formação dos conceitos começa durante as fases mais precoces da infância, mas as funções intelectuais que, em determinadas combinações formam a base psicológica da formação dos conceitos amadurecem, tomam forma e desenvolvem-se apenas durante a puberdade.

O professor em sua atuação deve fornecer possibilidades para que o aluno tome posse dessas formas de elaboração do conhecimento, levando em consideração que a linguagem e o aprendizado surgem lado a lado na gênese do desenvolvimento. De acordo com Fontana (2005, p. 15) “Na mediação do/pelo outra revestida de gestos, atos e palavras (signos) a criança vai integrando-se, ativamente, às formas de atividade consolidadas (e emergentes) de sua cultura, num processo em que pensamento e linguagem articulam-se dinamicamente”.

A criança em idade escolar está em um processo de construção do conhecimento a mesma medida que seu pensamento mental evolui em atos de abstração e generalização, sendo impossível a simples transmissão de conceitos de forma direta. A tentativa de se conseguir formar conceitos de um modo mecânico sem as devidas explicações gera nada mais do que um falso aprendizado, a criança decora as informações sem entender seu real significado. No tocante a tal questão, Vygotsky (1986, p. 84), acrescenta que:

A experiência prática mostra também que é impossível e estéril ensinar os conceitos de uma forma direta. Um professor que tenta conseguir isto habitualmente mais não consegue da criança do que um verbalismo vazio, um

misticismo que simula um conhecimento dos conceitos correspondentes, mas que na realidade só encobre um vácuo.

O ensino em sala de aula que ocorre por mera repetição e memorização das palavras e conceitos nada mais gera do que um falso entendimento dos conteúdos ministrados e um verbalismo vazio, o professor que tenta ensinar de forma “verborrágica” não obtém bom êxito. Este precisa criar condições para que os alunos participem ativamente das atividades, além de criar maneiras para que ocorra da melhor forma a acomodação do conhecimento. “Aquilo de que uma criança necessita, diz Tolstoy, é de uma possibilidade de adquirir novos conceitos e palavras a partir do contexto lingüístico geral” (VYGOTSKY, 1896, p. 84; apud TOLSTOY, 1903).

A partilha de conhecimento sistemático esquematizado pela escola é muito diferente dos conceitos aprendidos de forma espontânea nas relações diárias, espera-se em um ambiente escolar que a criança aprenda o conteúdo ministrado nas aulas pela professora, desconsiderando muitas vezes a complexidade nessa relação de aprendizagem, em que um novo conceito científico é transmitido. Sobre isso, concordamos com Vygotsky (1896, p. 87), quando diz que:

O estudo dos conceitos científicos enquanto tais têm importantes implicações para a educação e a instrução. Embora os conceitos não sejam absorvidos já completamente formados, a instrução e a aprendizagem desempenham um papel predominante na sua aquisição. Descobrir a relação complexa entre a instrução e o desenvolvimento dos conceitos científicos é uma importante tarefa prática.

A instrução escolar tem um papel fundamental no processo de desenvolvimento da criança, através dela a criança torna-se consciente do seu processo mental. Segundo Vygotsky (1896, p. 92) “A consciência reflexiva chega à criança através dos portais dos conceitos científicos”. Essa consciência reflexiva é resultante de uma série de interações e reflexões possibilitadas por meio da palavra.

Ao ter consciência reflexiva a criança abre caminho para questionamentos e tomada de decisões antes feitas de forma deliberada, a mesma medida que se manifesta a autonomia na realização de suas tarefas diárias e gerenciamento de suas atividades escolares, de modo que exista a possibilidade de realização de tais tarefas externando o desejo de autogerir-se.

De acordo com Petroni e Souza (2009) *apud* Vygotsky (1995), autonomia seria:

(...) processo de autorregulação, a função psicológica superior mais importante, já que ela permite que o sujeito tenha controle sobre as outras funções psicológicas ao dominar sua conduta. Para ele, o sujeito constitui-se como autorregulado no momento em que consegue internalizar as regras, as normas, os costumes existentes no meio ao qual pertence. Esse processo se dá desde seu nascimento, pois, como já dito antes, ao nascer, a criança já se encontra em uma cultura e através da mediação do outro exercida pela linguagem (fala, gestos, etc.) vai controlando seu comportamento de acordo com o que lhe é significado.

A essa medida podemos ratificar a intrínseca ligação existente entre autonomia e desenvolvimento, tendo como aspecto fundamental o vínculo com o meio social. A autorregulação ocorre quando o sujeito que já internalizou as regras mediadas pelo outro as ressignifica de modo que faça sentido para sua visão de mundo.

De acordo Petroni e Souza (2009, p. 6), Vygotsky considera autonomia como o processo de autorregulação, de modo que esta permite que os sujeitos tenham controle sobre suas funções psicológicas e dominem sua conduta, como vemos a seguir:

(...) o sujeito constitui-se como autorregulado no momento em que consegue internalizar as regras, as normas, os costumes existentes no meio ao qual pertence. Esse processo se dá desde seu nascimento, pois, como já dito antes, ao nascer, a criança já se encontra em uma cultura e através da mediação do outro exercida pela linguagem (fala, gestos, etc.) vai controlando seu comportamento de acordo com o que lhe é significado.

No tocante a relação existente entre o ensino e o desenvolvimento Vygotsky (1896, p. 101) afirma que “O ensino geralmente precede o desenvolvimento” O ensino segue uma lógica pré-estabelecida e organizada, que leva em consideração o tempo de transmissão de um determinado conteúdo, mas não se pode esperar que a criança leve o mesmo tempo para assimilação.

O currículo não pode determinar a forma como a transmissão se torna clara para cada criança, as dúvidas irão surgir no decorrer do ensino. Uma vez que a mediação de conhecimentos é feita pelo professor mediante a sistematização dos conteúdos de modo a facilitar a apropriação dos saberes historicamente produzido pela sociedade.

Contudo para que o aluno se aproprie do conhecimento é preciso que haja a assimilação do mesmo, como apontado por VYGOTSKY (1995) a assimilação de conhecimentos vai além de ligações associativas, é um complexo que só pode ser realizado pela criança quando a mesma atingir o nível de desenvolvimento mental necessário. Ou seja, a assimilação de conhecimentos organiza-se de maneira hierárquica conceitual, em que uma

nova informação interage com outra já existente na sua estrutura cognitiva realizando um processo contínuo de aprendizagem por meio da integração de conceitos.

3.2 Autonomia Segundo Paulo Freire

A autonomia é um tema de extrema relevância na atualidade, há tempos esse conceito vem sendo discutido e, concomitantemente, apropriado pelos professores em suas metodologias de ensino, que passam a ter o objetivo de desenvolver criticidade e liberdade nos alunos que poderão ser autônomos frente às suas decisões futuras, como participantes ativos na sociedade.

O desenvolvimento da autonomia do aluno perpassa sob a prática educativa do professor o qual atua como mediador na sala de aula. Dessa forma Paulo Freire (1996), em seu livro intitulado *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa* apresenta propostas práticas necessárias a uma educação voltada à liberdade, respeito e dignidade do educando no exercício da prática docente.

Portanto cabe ao educador o dever de refletir criticamente sobre sua ação, de modo que usufruindo de um lugar de autoridade não use de autoritarismo na ministração de suas aulas, o qual restringe a curiosidade e a liberdade do educando, prejudicando a construção de sua autonomia, mas antes deve policiar-se para que na realização de seu trabalho haja condições para a construção do conhecimento de uma maneira dialógica e contextualizada com a realidade. Deste modo concordamos com Freire (1996, p. 21) quando afirma que:

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática.

A prática educativa do professor que busca desenvolver a autonomia nos seus alunos deve ser pautada nos princípios de liberdade e responsabilidade, tendo como ponto de partida o outro, levando em consideração seu inacabamento como sujeito. Tendo como premissa a

capacidade de ensinar criando as possibilidades dos alunos serem autores de seu percurso educativo saindo do lugar de espectador, e assumindo-se como ser histórico e social.

Portanto, a autonomia supõe abrir possibilidades para que o professor e o aluno tornem-se aprendizes, coadjuvantes no percurso formador, conforme citado por Freire (1996, p. 11) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” dessa forma o professor que permite ao aluno descobrir e explorar dentro de seu processo de ensino desenvolve no mesmo a curiosidade necessária para que passe a enxergar o mundo com mais criticidade.

O professor democrático deve ser consciente de que a escolha sobre uso do tipo de metodologia imprime marcas nos seus alunos, seja esta positiva ou não. Assim, podemos concordar com Freire (1996) de que nenhuma prática educativa é neutra e livre da politicidade, a escolha por uma forma de ensino tradicional ou renovador reverbera na forma que os alunos entendem e se posicionam no mundo, a escola é responsável por proporcionar contextos formativos para que o aluno possa se fazer autônomo.

O que se coloca à educadora ou ao educador democrático, consciente da impossibilidade da neutralidade da educação, é forjar em si um saber especial, que jamais deve abandonar saber que motiva e sustenta sua luta: se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode. Se a educação não é a chave das transformações sociais, não é também simplesmente reprodutora da ideologia dominante. (FREIRE, 1996, p. 57).

Uma das formas de auxiliar no desenvolvimento da autonomia dos educandos é por meio da participação ativa dos estudantes na realização das aulas, a acomodação de um novo conhecimento deve ser baseado por meio das experiências prévias, respeitando os saberes ao qual o aluno chega até a escola, pois à medida que o professor envolve os alunos com exemplos práticos pode englobar vários aspectos da realidade dos mesmos, fortalecendo a percepção do aluno sobre sua própria ação e desenvolvendo caminhos para a resolução de problemas.

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela saberes socialmente construídos na prática comunitária, mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1996, p. 17)

A essa medida, pensar a educação nessa relação dinâmica em que educador e educando aprendem juntos, em um processo constante de aprimoramento tendo consciência

do seu estado de inacabamento, leva a constante reflexão sobre a realidade. A prática do educador é orientadora do trabalho pedagógico, pois é a partir dela que se pode intervir e repensar a realidade.

Desta maneira, a autonomia é antes de tudo a capacidade do sujeito autogerir-se, tomar decisões por si próprio e, a partir da internalização do que lhe foi ensinado, ressignificar de modo que possa transformar sua realidade. Dessa forma podemos considerar que a autonomia é construída a partir da vivência da própria liberdade.

Freire (1996) estabelece que a autonomia não é conquistada da noite para o dia, essa vai sendo construída diariamente por meio de inúmeras experiências que são permitidas a criança desde muito nova, a pedagogia da autonomia deve ser centrada em possibilitar ao aluno a liberdade de ter responsabilidade em suas decisões.

Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos 25 anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade. (FREIRE, 1996, p. 41).

Ser autônomo exige participação nos processos de tomada de decisão, a passividade dos alunos frente aos mestres e dos mestres frente às formas de controle sobre sua prática educativa, representa obstáculos na concepção crítica de liberdade defendida por Freire. Dessa forma a autonomia pode ser entendida como o ponto de equilíbrio entre a liberdade do educando e a autoridade do educador.

A opressão paralisa os educadores e educandos, tornando suas práticas heterônomas e não autônomas, submetendo-se as vontades de outrem regidas por fatores e não pela razão de suas escolhas. “Se trabalho com crianças, devo estar atento à difícil passagem ou caminhada da heteronomia para a autonomia, atento à responsabilidade da minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora da busca inquieta dos educandos” (FREIRE, 1996, p. 28).

Desta forma, o papel do professor nessa perspectiva aponta para o compromisso de contribuir positivamente para a formação do aluno, posicionando-se criticamente sobre o ato de ensinar que não é um ato puramente técnico, todavia exige sensibilidade, criatividade,

diálogo, troca de conhecimentos e comprometimento no tocante às mais diversas situações de aprendizagem.

Essas características estão presentes em um professor considerado progressista que em sua prática se propõe a ensinar a pensar criticamente a problematizar situações integrando o aluno na construção do saber, reconhecendo-o como parceiro no processo de desenvolvimento.

O que posso e devo fazer é, na perspectiva progressista em que me acho, ao ensinar-lhe certo conteúdo, desafiá-lo a que se vá percebendo na e pela própria prática, sujeito capaz de saber. Meu papel de professor progressista não é apenas o de ensinar matemática ou biologia mas sim, tratando a temática que é, de um lado objeto do meu ensino, de outro aprendizagem do aluno, ajudá-lo a reconhecer-se como arquiteto de sua própria prática cognoscitiva. (FREIRE, 1996, p. 47).

O professor em sua prática educativa pode tanto reverberar instrumentos de controle quanto, contribuir para a promoção da autonomia dos educandos Dessa forma o professor aberto ao mundo que enxerga o sujeito em sua totalidade, e está consciente de que sua prática permite ao educando afirmar-se como autor e sujeito do conhecimento.

Todo ensino de conteúdos demanda de quem se acha na posição de aprendiz que, a partir de certo momento, vá assumindo a autoria também do conhecimento do objeto. O professor autoritário, que recusa escutar os alunos, se fecha a esta aventura criadora. Nega a si mesmo a participação neste momento de boniteza singular: o da afirmação do educando como sujeito de conhecimento. (FREIRE, 1997 p. 64).

Dessa forma podemos considerar que ensinar é preparar o caminho para a autonomia de quem aprende, com o objetivo de viver e fazer os outros viverem dignamente. Segundo Freire (1996, p. 25) O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.

Em suma, podemos afirmar que o desenvolvimento da autonomia perpassa a habilidade do professor em organizar-se em benefício de metodologias de ensino participativas, nas condições de desenvolvimento do pensamento dos alunos, nos desafios encontrados na formação do professor, no respeito à individualidade dos sujeitos na construção de um sujeito ético, proporcionando liberdade de ação para educandos e educadores, favorecendo a conscientização e a prática voltada para a liberdade.

4 MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA: PRÁTICA DOCENTE NO DESENVOLVIMENTO DO APRENDIZADO DO ALUNO E SUA AUTONOMIA

Neste capítulo apresentaremos as análises e os resultados a partir dos dados por nós coletados, referente às visitas realizadas na escola, e entrevista a professora e alunos tendo por objetivo analisar a mediação pedagógica na turma de 5º ano.

Organizamos as análises em 3 blocos, mediante a observação dos nossos objetivos, sendo esses:

- Investigar as práticas do professor aplicadas às turmas de 5º ano;
- Identificar a mediação pedagógica através da relação professor/aluno;
- Verificar a influência da mediação no desenvolvimento da autonomia do educando.

As considerações feitas a seguir discorrem pelo diálogo entre os autores apresentados no referencial teórico, os dados coletados por meio das entrevistas e a fala da professora e dos alunos durante a observação das aulas.

4.1- Práticas da professora aplicadas a turma de 5º ano

Apresentaremos a seguir as práticas da professora no âmbito de suas tarefas cotidianas. Práticas essas que são cultivadas ao longo de sua formação e atuação no exercício de sua profissão e orienta o trabalho por ela desenvolvido em sala de aula.

Em meu primeiro dia de observação a professora me informou que estava trabalhando com os cadernos da CACS (Conselho de Acompanhamento e Controle Social) que segundo BRASIL (2017) tem como função principal acompanhar e controlar a distribuição, a transferência e a aplicação dos recursos do Fundo, no âmbito das esferas municipal, estadual e federal.

A turma em questão estava se preparando para a prova da Escola Nota 10 que de acordo com as normas emitidas pela Secretaria Municipal de Educação de João Pessoa (2011) consiste em um programa de incentivo que fiscaliza o índice de Excelência em Educação nas

escolas municipais da cidade de João Pessoa e avalia a aprendizagem dos alunos e a gestão escolar, podendo conceder o 14º salário aos funcionários das unidades que atingirem 100% de êxito em duas etapas: nas avaliações de gestão escolar e de aprendizagem dos alunos.

Desta forma torna-se interesse dos educadores e gestores escolares atingirem as metas estabelecidas pelo programa para a obtenção do selo nota 10 na escola.

Em sua metodologia de ensino a professora busca envolver os alunos na realização de suas aulas. Na execução de uma atividade com o caderno de português da CACS nas mãos solicita que a classe leia o texto por ela selecionado de forma alternada.

Após a leitura do texto, a professora introduz a explicação do assunto, que seria sobre tipos de linguagem, da seguinte maneira:

Prof- Trabalhamos com vários tipos de linguagem, qual foram elas?

Alunos - Regional, informal, formal e científica.

Prof- O que é linguagem informal Aluno A?

Aluno A- É aquelas falas como carioca, nordestino.

Podemos perceber que a professora faz uma pergunta de maneira geral para a turma e uma de maneira específica para um aluno, essa forma de variação de perguntas é muito utilizada em suas aulas, ou seja, a professora lança questões para o coletivo e após algum aluno interagir com ela, a mesma direciona a pergunta aproveitando o que o aluno havia dito.

Vale ressaltar que a professora já tem um planejamento prévio sobre o que quer que os alunos digam/discutam. No caso de o aluno não ter ainda respondido na direção de seu planejamento, provavelmente a professora retornaria a fala para o grupo todo na tentativa de algum aluno pudesse dar o encaminhamento ao conteúdo proposto.

Em entrevista realizada com a professora realizamos o seguinte questionamento:
Quais os tipos de metodologias que você utiliza na realização de suas aulas?

Professora- As tradicionais e a gente procura sempre inovar né com livros e vídeos, utilizando a biblioteca, com slides, geralmente a gente tá sempre atualizando.

Ao ser questionado sobre suas metodologias de ensino, a professora afirma que utiliza as tradicionais, em que o professor é o sujeito ativo e o aluno o sujeito passivo da aprendizagem, nessa forma de ensino o professor possui maior controle de suas aulas,

cabendo ao aluno à tarefa de assimilar o conteúdo.

Contudo a ministração de suas aulas é feita de maneira expositiva dialogada, permitindo ao aluno participação ativa, considerando o conhecimento prévio dos mesmos. Em sua metodologia de ensino busca utilizar recursos didáticos variados, procurando ampliar as estratégias pedagógicas de modo que contemple ao aluno maiores possibilidades de se alcançar melhores resultados. A esse respeito concordamos com Freire e Shor (2013, p. 17.18) quando afirmam que:

Existe muita pressão para que se ensine desse modo tradicional. Em primeiro lugar, porque é familiar e já está funcionando, mesmo que não dê certo em classe. Em segundo lugar, porque ao afastar-se do programa padrão você pode ser tachado de rebelde ou descontente, e estar sujeito a alguma coisa que pode vir dos pequenos aborrecimentos até a demissão.

Dessa forma muitos professores encontram dificuldade em inovar suas metodologias de ensino, a demanda por acompanhar o currículo proposto e o tempo disponível para execução das atividades muitas vezes restringe os mesmos no tocante a envolver os alunos na ministração de suas aulas. Assim, entendemos que uma aula dialógica só é possível mediante a constante atualização do professor para práticas pedagógicas contextualizadas e metodologias diversificadas que atendam a real necessidade de aprendizagem do aluno.

A forma como a professora menciona a progressiva atualização de suas práticas de ensino, nos leva a pergunta feita em entrevista: **Você participa de algum tipo de formação continuada?** Vejamos sua resposta:

Professora- Sim, no Pravalor oferecido pela prefeitura de João Pessoa, tenho especialização, mas, incompleta em supervisão e orientação escolar.

A formação citada pela professora foi uma etapa oferecida pelo programa Geração Alfabetizada. Segundo Quintans (2019) “O programa é realizado pela Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP), por meio da Secretaria de Educação e Cultura (Sedec), onde busca garantir a alfabetização das crianças na idade certa.”.

Essa formação ocorre duas vezes ao ano em dois turnos buscando fornecer aos professores uma formação prática, referentes ao Sistema de Educação Básica (SAEB) que por sua vez procura avaliar a qualidade da educação oferecida aos estudantes.

O professor atuante em sala de aula deve ser antes de tudo um pesquisador, não apenas para validar censos, mas para satisfazer sua curiosidade e a de seus alunos, mantendo-se atualizado sobre suas práticas. A esse respeito Freire (1996, p. 16) nos adverte que:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Embora a forma de ensino que a professora diz se basear seja a tradicional, durante a observação pudemos perceber que a turma é bastante participativa e questionadora levando a docente a buscar formas de mediar à interação dos alunos no processo de aprendizagem, ou seja, apoiando em metodologias que diferem das ditas tradicionais.

Nesta mesma direção, defendemos a ideia de que a formação continuada, principalmente em áreas específicas do ensino, pode auxiliar no desenvolvimento de boas práticas do professor. Talvez, no caso desta professora, uma especialização na área de metodologias de ensino pudesse ser algo positivo em sua formação e, diretamente, em sua prática docente.

Na sequência, observamos que para realizar o exercício proposto pelo caderno da CACS na disciplina de matemática, a professora utilizou um dos alunos para ilustrar um exemplo sobre lateralidade, pedindo para que o aluno desse os passos mencionados no exercício utilizando a sala de aula como espaço conforme indicado no exemplo do caderno.

Em outra questão do caderno, o exercício solicitava a utilização da régua para medir a mesa da figura, a professora apoiada no exemplo do exercício solicita que um aluno meça a mesa assim conforme mencionado no exercício e questiona ao aluno quantos centímetros tem a mesa. Após medir o aluno constatou que a mesa media 1 metro e 17cm.

Após a averiguação do aluno a professora fez a seguinte explicação:

Prof: Para você conseguir medir essa mesa você precisou utilizar o que?

Alunos- A régua.

Prof- Essa régua tem quantos centímetros?

Alunos- 30.

Prof- De 30 em 30 a galinha enche o papo, de 30 em 30 Aluno A, foi chegando na medida correta, mas será que a medida da mesa do exercício é a mesma da nossa mesa?

Alunos- Não.

Prof- Vocês mediram a do exercício?

Alunos- A mesa tem 1 metro.

A professora ao utilizar materiais didáticos concretos ou (MD) materiais didáticos manipuláveis, envolve os alunos na realização de exemplos práticos, utiliza a sala de aula como espaço de investigação e faz uso de uma linguagem de fácil compreensão em suas aulas, proporcionando aos alunos um maior interesse sobre o assunto estudado, além de ser um valioso recurso ao professor o que torna a aula mais dinâmica e aproxima a teoria da prática, facilitando dessa forma a mediação.

Segundo Rodrigues e Gazire (2012, p. 366):

Um recurso didático não é em si conhecimento, mas sim um auxiliar que ajuda a sua construção, facilitando a sua aceitação e sua compreensão (...). Uma das formas de utilização dos recursos didáticos é o uso de designações para objetos matemáticos que estão mais próximos das formas de comunicação dos jovens.

Em outra aula a professora abordou um novo assunto na disciplina de matemática e solicitou que os alunos levassem para a sala de aula fita métrica, régua e trena para trabalhar o assunto medidas de comprimento, exemplos de MD. Como forma de introduzir o assunto selecionou um objeto de cada e começou sua explicação:

Prof- Bom, todos esses artefatos são para medir, essa daqui (referente a fita métrica) é para tirar as medidas da pessoa, quando vai fazer uma roupa tem que medir o tamanho do braço, mede as coxas, para saber se aumentou ou diminuiu, então esse aqui é usado geralmente pelas costureiras para fazer a medida dos centímetros do nosso corpo. Também é usado pelos nutricionistas na academia também para fazer a medição das pessoas. Do peso geralmente usamos a balança que vou trazer segunda-feira.

Durante a elucidação da professora, podemos observar que o processo de mediação foi feito a partir de contextualização levando em consideração a associação dos instrumentos, fita métrica, balança, trena com a sua utilização por cada profissional, levando ao aluno a fazer associações dos instrumentos para com a realidade facilitando a acomodação de um novo

conceito, pois a mediação não se restringe apenas ao ambiente escolar, e sim é resultante da relação do homem com o mundo de maneira dialética.

Após breve utilização da fita métrica a professora solicitou que dois alunos se direcionassem até a frente da classe. Utilizando a trena, a mesma realizou a medição dos alunos os colocando de costas um para o outro. Após medir ambos, direcionou a sua fala para a classe:

Prof- São dois meninos, eles são praticamente do mesmo tamanho, a diferença são centímetros. Um tem 1,37 cm e o outro tem 1,33 cm. Quanto falta de 1,33 cm para 1,37 cm?

Alunos- 4 cm.

Prof- Falta 4 cm, é uma diferença muito grande ?

Alunos- Não.

Prof- Mas ainda assim, um é mais baixo que o outro.

Figura 1 - Exemplo diferenciando metros e centímetros



Fonte: Acervo Pessoal

Ao medir os alunos a professora direciona o questionamento para a turma sobre a diferença de centímetros entre ambos, os alunos por sua vez de maneira muito contextualizada utilizaram a adição para constatar a diferença que só pode ser percebida com a medição a partir dos centímetros.

Podemos destacar novamente que, embora a professora tenha afirmado em entrevista que sua prática de ensino era pautada no tradicional, a mesma sempre propõe atividades diversificadas que levem os alunos a refletirem sobre os conteúdos ensinados. Desta feita, podemos afirmar que a professora desenvolveu um processo de mediação pedagógica eficiente.

Para entendermos melhor se as metodologias utilizadas pela professora em sala de aula realmente auxiliavam os alunos no tocante ao entendimento sobre um novo assunto, em entrevista realizada com os alunos concebemos o seguinte questionamento: **A forma como a professora ensina um assunto novo, você consegue entender facilmente ou fica com dúvidas?** Organizamos as respostas em uma tabela que veremos a seguir:

Quadro 1: Entendimento acerca da ministração dos conteúdos

A forma como a professora ensina um assunto novo, você consegue entender facilmente ou fica com dúvidas?	RESPOSTAS
ALUNO A	É fácil entender, ela explica de um jeito muito bom, dá para entender direitinho.
ALUNO B	Eu entendo fácil porque ela explica bem explicadinho.
ALUNO C	Facilmente, ela ensina muito direitinho foi a melhor professora que já peguei.
ALUNO D	As vezes é difícil.
ALUNO E	Se ela passa um texto novo eu tenho que ler para poder entender o texto, ela falando só, é difícil.
ALUNO F	Pouca dúvida, é fácil ela ensinando.
ALUNO G	Alguns entendem fácil, mas alguns já tenho dificuldade de entender, porque com um dia só não aprendo, mas com duas aulas fica mais fácil de entender.
ALUNO H	Entendo facilmente, é uma aula explicativa.
ALUNO I	Fácil, ela fala, eu anoto e consigo me lembrar.

ALUNO J	Fácil, ela explica direitinho.
---------	--------------------------------

Fonte: Coleta realizada pela pesquisadora

Mediante as respostas dos alunos podemos observar que as práticas da professora no momento de explicação de um novo conteúdo tornam-se claras na medida em que a mesma possui boa comunicação com os estudantes. Todavia vale lembrar que para que ocorra uma boa comunicação com os alunos e haja entendimento de um novo conteúdo a linguagem oral não é a única que deve ser privilegiada, dando margem para a comunicação através dos gestos, da postura, do olhar, devendo sua postura ser condizente com o objetivo proposto na aula. Desse modo concordamos com Junks (2013, p. 5) quando afirma que:

O olhar do professor para o seu aluno é indispensável para a construção e o sucesso da sua aprendizagem. Isto inclui dar garantia as suas idéias, valorizar sugestões, analisar, acompanhar seu desenvolvimento e demonstrar acessibilidade, disponibilizando diferentes conversas. É preciso ter clareza de que cada aluno é diferente um do outro, com diferentes retornos da aprendizagem. Cabe aos professores verem como eles se desenvolvem, dentro de seus limites, mas sempre motivando e estimulando-os com mediação e propostas pedagógicas diferenciadas, que despertem a curiosidade e interesse por parte das crianças.

De certo, essas práticas podem ser observadas na professora a qual utilizava a variação no seu tom de voz ao realizar uma leitura, posicionava-se em frente à classe ao realizar uma explicação e andava por entre as carteiras observando se os alunos possuíam dúvidas acerca do conteúdo ministrado, essa postura mediante sua prática nos revela uma constante preocupação para com o entendimento dos alunos.

Na sequência de sua aula sobre metros e centímetros a professora solicita que um aluno leve uma trena até ela, questiona os alunos e faz a seguinte comparação diferenciando os centímetros do metro:

Prof- Vejam a medida da trena. É maior ou é menor do que a da régua?

Alunos- Maior.

Prof- A trena tanto ela medem centímetros quanto mede metros. A régua só mede centímetros.

A professora cria estratégias para a aprendizagem dos seus alunos à medida que em suas explicações torna a aula interativa e envolve os alunos no percurso educativo. Estabelecer a diferença dos metros para os centímetros utilizando a proporção de tamanho foi

uma forma eficiente de elucidar a distinção entre a utilização de ambas as medidas de comprimento.

Uma aula dinâmica para Freire (1996) vai muito além de métodos e técnicas educativas, antes está pautada em um professor que está disposto a “saber” pesquisar e através de seus questionamentos desafie seus alunos despertando a curiosidade, os tornando pesquisadores e criadores do seu próprio saber.

O educador libertador tem que estar atento para o fato de que a transformação não é só uma questão de métodos e técnicas. Se a educação libertadora fosse somente uma questão de métodos, então o problema seria mudar algumas metodologias tradicionais por outras mais modernas. Mas não é esse o problema. A questão é o estabelecimento de uma relação diferente com o conhecimento e com a sociedade (FREIRE E SHOR 2013, p. 48).

Em consonância com Freire podemos afirmar que o papel do professor que está preocupado com a formação integral de seu aluno, é o de criar possibilidades de reflexão através de sua prática de ensino, indo além dos métodos e técnicas propriamente ditas, preocupando-se com a relação a qual seu aluno possa estabelecer com a sociedade e para que isso aconteça à educação deve partir de exemplos práticos de sua realidade.

Continuando a explicação sobre metros e centímetros a professora chama outro aluno à frente, coloca em cada uma de suas mãos uma trena e faz o seguinte questionamento:

Prof- Aluno A qual é a trena mais pesada? Qual é a maior?

Aluno A- Essa (referindo-se a trena que está na sua mão direita)

Prof- Quantos metros essa trena tem?

Aluno A- 12 metros.

Prof- E a outra?

Aluno A- 6 metros.

Prof- Então gente, é através dos centímetros que nós conseguimos identificar o tamanho e a largura de certas coisas. Quando o homem vai construir uma parede, vai colocar a cerâmica, ele vai medir quantos metros tem.

Aluno B- Quando meu avô foi fazer o cimento lá de casa ele usou bastante a trena.

Prof- Foi mesmo? Olha só! Geralmente quem usa muito são os pedreiros.

O aluno B observando a explicação da professora e o exemplo utilizado com o colega de classe, associa a de utilização da trena a um exemplo comum de sua realidade, que é a de seu avô ao fazer trabalhos domésticos, enriquecendo dessa forma seu significado pessoal e auxiliando na formação de conceitos por meio de relações reais. Assim, concordamos com Freire quando indaga ao professor: “Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamental aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?” (FREIRE, 1996, p. 17).

Neste caso, observamos que a mediação da professora foi fundamental para estimular a reflexão do aluno, articulando os saberes curriculares e a experiência social do mesmo sobre o uso do instrumento de medir, neste caso, da trena, estabelecendo um contato direto do conhecimento escolar para com a sua realidade.

Utilizando-se da explicação sobre metros e centímetros realizada através da trena e da fita métrica a professora realizou a medição de alguns alunos a fim de descobrir quais são os alunos mais altos e os mais baixos da sala.

Prof- Pronto, já que estamos trabalhando metros e centímetros... Aluno C vem cá!. Vou medir ele aqui na parede.

Prof- Vamos ver quantos metros o Aluno C tem.

Figura 2 - Medição dos alunos



Fonte: Acervo Pessoal

Prof- Pronto realizamos a medição de três alunos, vimos que uns são centímetros mais altos que os outros e uns centímetros mais baixo que os outros.

Após medir três alunos a professora constata que existem diferenças na altura de alunos que aparentavam ter o mesmo tamanho, e essas diferenças só são possíveis de observar

através dos centímetros. Vale ressaltar que ao utilizar medidas reais, inclusive dos próprios alunos, a professora instiga a participação e interação dos mesmos na resolução dos problemas que estão sendo provocados, buscando engajar os alunos para que o ensino ocorra de maneira mais efetiva e assim alcancem melhores resultados. Na sequência, a professora continua a explicação, mas dessa vez utilizando os centímetros para fazer relação com as medidas do corpo.

Prof- Pronto! Agora pensando nas medidas, Aluno E, vem cá traz essa fita para a gente tirar nossas medidas... Ela trouxe a fita de medidas dela. Com essa fita eu consigo rodear o corpo da gente, tirar as dimensões e medir. Deixa eu ver quanto tenho de quadril. (O aluno ajuda medir) Eu tenho 121 cm. Eu vou medir agora a do Aluno E. Ele tem 90 cm. O meu é 90 e o dele é 88. De 88 para chegar em 90 falta quanto?

Alunos- 2.

Prof- E de 1,61 cm para eu chegar em 1,64cm falta quanto?

Alunos- 3.

Prof- Pelo que a gente tá estudando, eu estou trabalhando com que operação matemática?

Alunos- Subtração.

Prof- Estamos trabalhando com a subtração.

Ao se medir e medir seus alunos a professora constatou, com o auxílio dos mesmos, as diferenças existente entre eles além de contextualizar com uma explicação matemática sobre a operação de subtração, incorporando a matemática a exemplos comuns do dia a dia. Incorporar os alunos na explicação da aula auxilia na forma como os mesmos entendem e aprende um conteúdo, não tornando o ensino estático e mecânico e sim dinâmico e crítico.

De acordo com Freire (1970, p. 28) “A memorização mecânica do objeto, não é aprendizado verdadeiro do objeto ou do conteúdo. Neste caso, o aprendiz funciona muito mais como paciente da transferência do objeto ou do conteúdo do que como sujeito crítico.” O que constatamos ter sido uma prática contrária no caso desta professora, visto que sua mediação pedagógica propõe a reflexão dos alunos para o desenvolvimento da aprendizagem.

Na sequência, analisaremos os dados em relação à mediação pedagógica realizada pela professora.

4.2 A mediação pedagógica através da relação professor e aluno

A interação professor-aluno é de extrema importância para o bom funcionamento do processo de ensino-aprendizagem e para a mediação no âmbito escolar, a qual busca o melhor rendimento dos alunos mediante a sistematização dos conhecimentos. Podemos perceber as nuances dessa relação através da rotina diária a qual possibilita a troca de informações através do convívio com o outro. O diálogo torna-se o vínculo dessas conexões, o qual só é possível mediante a utilização da linguagem. De acordo com Vygotsky (1896, p.12) “A função primordial da linguagem é a comunicação, intercâmbio social”.

A relação do professor com os educandos deve ser pautada no respeito mútuo e na consciência de inacabamento, para que assim ocorra uma boa mediação, oportunizando espaços de construção da autonomia no âmbito escolar. Segundo Freire (1996) O professor deve querer bem a seus educandos, estando aberto de forma afetiva. O distanciamento do mestre para com o aluno não garante que este será um melhor professor, como muitos apregoam, estar aberto aos educandos só nos torna mais humanos.

Traremos a seguir as respostas dos alunos acerca da pergunta, **Como é sua relação com a professora?**

Quadro 2 Relação professor/ aluno

Como é sua relação com a professora?	RESPOSTAS
ALUNO A	Eu gosto dela, acho ela gentil, simpática, gosto dela.
ALUNO B	Assim, é boa porque ela ensina a gente muito bem, ela explica bem direito. Quando quase ninguém tá respondendo ela fica olhando algumas pessoas ajudando quem fez e quem não fez. Ela é muito legal às vezes e até brinca com a gente.
ALUNO C	Eu apoio tudo que ela faz, eu acho bem criativo as coisas que ela cria às vezes me inspiro nela nas histórias que eu faço, ela é muito engraçada, tem momentos que ela fala sério.
ALUNO D	Boa.

ALUNO E	Às vezes ela briga um pouco, porque eu terminei a tarefa antes que todo mundo, às vezes sou a última, mas eu acho ela legal, gosto dela.
ALUNO F	Bem. Agradável, porque eu estudei com ela no 3º ano e com ela de novo no 5º.
ALUNO G	É boa, mas às vezes ela pega um pouquinho no meu pé porque eu converso.
ALUNO H	Boa, ela me serve de exemplo.
ALUNO I	Bem, às vezes ela briga... Aí eu me sinto envergonhado, mas eu gosto dela.
ALUNO J	Eu acho ela muito legal, ela é minha professora desde o 3º ano.

Fonte: Coleta realizada pela pesquisadora

Ao analisar as respostas dos alunos, podemos perceber que os mesmos mantêm uma boa relação para com a professora. A qual pode ser um facilitador no processo ensino-aprendizagem como pode ser visto na fala do **Aluno B**: *“Assim, é boa porque ela ensina a gente muito bem, ela explica bem direito. Quando quase ninguém tá respondendo ela fica olhando algumas pessoas ajudando quem fez e quem não fez. Ela é muito legal as vezes e até brinca com a gente.”* A postura atenta da professora ao ajudar os alunos na realização das tarefas, remete a preocupação da mesma para com que a mediação ocorra de maneira clara de modo a atingir seus objetivos.

Em entrevista com a professora realizamos a mesma pergunta: **Como você considera a sua relação com os alunos?**

Professora - *“Eu considero boa, até hoje nunca tive nenhum tipo de problema”.*

Essa constatação pode ser verificada durante as observações das aulas as quais presenciamos haver respeito mútuo entre a docente com seus alunos e entre os próprios alunos. Tal relação se torna de fundamental importância para um trabalho construtivo que não gera angústia no educando e sim o desafio no que diz respeito as suas capacidades.

A esse respeito de acordo com Freire (1996) O do papel do professor motivador em contrapartida ao professor autoritário é que no lugar de posse de discurso não se comporte como detentor da verdade, abrindo espaço para que o outro fale e responda, como podemos observar nas falas da professora durante a realização de uma aula de matemática em que trabalhava sistema monetário, podemos observar também a importância da mediação por meio da linguagem, e que esta deve se dar da forma mais clara possível, para que não ocorram dificuldades de comunicação e entendimento sobre determinado conteúdo.

Prof- Quem sabe o que é o sistema monetário? O sistema monetário brasileiro fala sobre o que? Sobre a nossa moeda, qual é a nossa moeda hoje?

Alunos- Real.

Prof- O sistema monetário brasileiro fala sobre a nossa moeda, e a moeda atual do Brasil é o?

Alunos- Real;

Prof- Ela é distribuída em moedas e cédulas, em notas. Quando a gente junta muitas moedinhas elas são o que?

Alunos- Reais.

Prof- Não, centavos. 10 centavos, 20 centavos, 30 centavos, até chegar em um real. Hoje trabalharemos com nosso sistema monetário brasileiro e a nossa moeda atual no Brasil, lembrando que a moeda atual do Brasil é o?

Alunos- Real.

O condicionamento dos alunos por meio das perguntas da professora fizeram os mesmos entenderem que a professora gostaria da resposta semelhante à dada anteriormente, pois os mesmos já estavam condicionados a uma dada resposta, a forma como a professora realizou a pergunta não foi clara para o entendimento dos alunos o que dificultou a comunicação entre ambos.

Segundo Vygotsky (1896), a fala e o pensamento estão estritamente ligados de modo a se complementarem, a linguagem por vezes pode não ser suficientemente para o entendimento de um conceito, provocando ruídos entre o comunicador e o receptor. Para que a mediação seja suficientemente clara, os conhecimentos devem ser acomodados de uma forma que não existam lacunas na aprendizagem e isso se torna possível através da boa comunicação entre professor e aluno de modo a existir espaços para possíveis dúvidas que surjam no percurso educativo.

Na sequência, ao continuar a explicação sobre o sistema monetário, a professora utiliza como exemplo a moeda de vários países em comparação com a nossa moeda.

Prof- Mas nos outros países eles têm a mesma moeda?

Alunos- Não.

Aluno A- Nos Estados Unidos é Dolar.

Prof- Muito bem, em outros países existem outras moedas, e um exemplo. Será que um dólar tem o mesmo valor de um real?

Alunos- Não, 4 reais.

Prof- Então a moeda americana é mais valorizada do que a do Brasil?

Alunos- Sim.

Prof- Vamos levar como pesquisa para casa, pesquisar as moedas dos outros países.

Aluno B- Minha tia viajou para Portugal e teve que trocar toda a moeda do Brasil pelo Euro.

Prof- Olha só, aprendi mais uma coisa. Quando a gente vai pros Estados Unidos, será que vamos usar o real?

Alunos- Tem que trocar.

Prof- Tem que trocar pela moeda americana. Se eu levar R\$ 1000,00 para os Estados Unidos, será que se eu trocar eu vou ficar com os R\$ 1000,00?

Alunos- Não, vai abaixar.

Prof- Por que a moeda americana é mais valorizada que a brasileira, se nos Estados Unidos o Dólar vale uns 4,00 e o Real só vale 1,00 eu vou perder dinheiro nessa história.

Aproveitando da temática estudada, a professora solicita uma tarefa de pesquisa para casa sobre quais seriam as moedas existentes nos outros países, despertando a curiosidade dos educandos. O aluno ao trazer um novo fato para a aula é considerado e não desprezado o que enriquece o debate presente, nos fazendo perceber que a professora estava atenta à fala dos alunos, o que gera uma nova discussão sobre o valor da moeda dos outros países em comparação com a nossa moeda, a desvalorização do real a economia e a crise econômica.

De acordo com Freire (1996, p. 43), sobre a questão da escuta atenta do professor com seus alunos para que o processo de mediação seja eficiente:

Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele. Mesmo que em certas condições, precise falar a ele... O educador que escuta

aprende a difícil lição de transformar seu discurso, às vezes é necessário, ao aluno, em uma fala com ele.

Em entrevista com a professora fizemos ainda as seguintes perguntas: **O que você entende por mediação? O que você entende por mediação pedagógica?** Vejamos sua resposta:

Professora- Mediação é ser o mediador, na minha opinião é ser o mediador de informações. Eu acredito que vai na mesma, linha é você está sempre se atualizando para transmitir informação.

A resposta da professora demonstra um entendimento acerca da temática e do seu papel nessa relação de ensino aprendizagem, onde o papel do professor é de mediador no processo de aquisição do conhecimento pelo aluno, demonstrando também a importância de manter-se atualizado em suas práticas de ensino para que gere uma melhor comunicação entre ela, seus alunos e o conhecimento previamente sistematizado.

A essa medida podemos considerar que a mediação pedagógica é resultante de uma boa relação entre professores e alunos e a constante atualização das práticas do docente, as quais possibilitam oportunidades para o diálogo, motivando-os por meio de conteúdos vinculados com a realidade que desafie sua capacidade, levando a um melhor entendimento do conteúdo proposto.

4.3 A influência da mediação no desenvolvimento da autonomia do educando

A autonomia é uma temática que perpassa muitos questionamentos e nuances, tais como: como é possível formar alunos críticos, reflexivos e autônomos se nas práticas diárias o docente adota como postura um ensino tradicional, em que o aluno é visto como um sujeito passivo, onde as interações entre eles não são permitidas e a “obediência” é exercida e silenciosamente aceita? Não seria esse um modelo de Educação Bancária, tão questionado por Paulo Freire?

A autonomia não nasce no aluno e no professor, a autonomia desenvolve-se por meio de um exercício permanente. Segundo Freire (1996, p. 7):

É a convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos

sócios históricos do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando.

Ou seja, no espaço escolar o professor tem papel fundamental na construção da autonomia do aluno, uma vez que sua mediação pode provocá-lo a refletir sobre isso. Todavia, ressaltamos que o mediador é aquele que é mais eficiente e, nem sempre, este será o professor, passando às vezes o papel de mediador para o outro aluno, devido à aproximação de sua linguagem e os modos de interação entre eles.

Neste sentido, verificamos que em um dado momento da aula um aluno teve uma dúvida sobre o que seria conflito e a professora solicitou que outros alunos tentassem explicar o que seria conflito. Vejamos:

Aluno B- Conflito é quando alguém fala alguma coisa e a outra acha ruim.

Aluno C- Eu acho né, é como tem minha amiga, aí rola uma discussão entre nós, aí a gente tem uma briga, não é uma briga forte, mas a gente não se entende.

Aluno D- É quando duas pessoas não se entendem tem duas opiniões.

Aluno E- Conflito é uma confusão entre personagens.

Aluno F- Conflito é mais ou menos uma briga, mas não é uma briga de violência. Que nem a história da princesa e da ervilha, a princesa chega no palácio a rainha diz que ela não é princesa de verdade e coloca uma ervilha embaixo dos colchões, pra provar que ela é princesa.

Prof- Conflito é tudo isso que seus colegas falaram, se você parar para ouvir, é mais fácil para você entender eles explicando para você do que eu. Conflito é isso uma desavença, uma pequena briga que acontece em um determinado espaço do texto ou pode ser uma divergência de opinião, um tem uma opinião e outro tem outra aí tem um conflito entre eles

Nesta situação a professora lançou mão da estratégia de provocar um diálogo sobre o tema, de tal modo que os alunos interagissem entre eles na tentativa de esclarecer o que seria “conflito”. Ou seja, a professora ao aguçar a fala de outros alunos para responderem a dúvida de outro colega, transferiu o papel de mediador dela para os próprios alunos de modo

consciente, visto que em sua fala fez menção de que era mais fácil para ele entender a explicação de seus colegas do que se ela própria explicasse, conforme podemos observar:

Prof- *Conflito é tudo isso que seus colegas falaram, se você parar para ouvir, é mais fácil para você entender eles explicando para você do que eu.* Desse modo a professora compreende a aproximação da linguagem existente entre os estudantes como forma de facilitar a aprendizagem.

Segundo Vygotsky (1896, p. 82) “Presume-se que na formação de conceitos se dá uma intensificação de traços semelhantes; segundo a teoria tradicional a soma destes traços é o conceito”. Ou seja, a aproximação da linguagem dos alunos facilita a aquisição de um novo conceito mais facilmente, pois estes coabitam no mesmo universo vocabular e encontram-se na mesma fase de desenvolvimento do pensamento.

Outro exemplo que observamos da mediação entre pares aconteceu durante a explicação sobre figuras geométricas e lateralidade na aula de matemática, um aluno pergunta a professora o que seria paralelo e ela solicita que outro aluno responda o questionamento, o aluno conforme solicitado responde:

Aluno- Paralelo é como duas pistas de carro, de um lado e do outro, indo e vindo elas são paralelas.

Observamos que mais uma vez há uma transferência do papel de mediador da professora para um aluno. Esta estratégia de mediação docente pode garantir o desenvolvimento da autonomia do aluno, uma vez que o mesmo percebe que tem voz e vez dentro do processo de aprendizagem. Neste sentido Freire (1996, p. 34) aponta que “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” e na sequência o mesmo completa:

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que minimiza que manda que "ele se ponha em seu lugar" ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exige do cumprimento de seu dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (FREIRE, 1996, p. 34).

Desta feita, para melhor entender esse processo de construção da autonomia por meio da mediação docente, em entrevista com os alunos realizamos a seguinte pergunta: **Vocês tiram as dúvidas mais com a professora durante a aula ou com algum colega de classe? Por quê?** Vejamos o que alguns alunos responderam:

Quadro 3: Mediação por meio do docente/ aluno

Vocês tiram as dúvidas mais com a professora durante a aula ou com algum colega de classe? Por quê?	RESPOSTAS
ALUNO A	A gente tira mais com a professora, porque às vezes vai que o aluno não entenda aí ele dá uma opinião errada e agente erra.
ALUNO B	A gente tira com a professora porque a gente tem dúvida e algumas vezes a gente pergunta para o amigo e o amigo também não sabe, aí eu pergunto a professora.
ALUNO C	Eu tiro com a professora, vai que algum amigo esteja errado, aí eu falo logo com ela.
ALUNO D	Com a professora, porque é mais fácil falar com ela.
ALUNO E	Com a professora, porque alguns alunos não gosta que fique incomodando eles na hora da tarefa, aí eu prefiro tirar com a professora.
ALUNO F	Tiro mais com a professora mesmo.
ALUNO G	As vezes tiro com a professora, às vezes com algum colega porque se eu não escutei direito eu pergunto a minha amiga pra ela me dizer, mas dúvida da tarefa eu falo com a professora.
ALUNO H	Com a professora, se eu não sei um significado de uma palavra eu pergunto a ela e ela responde em voz alta para todo mundo ouvir, que às

	vezes a pessoa tem a mesma dúvida e não tira.
ALUNO I	Mais com o colega que tá mais perto, mas eu tiro com a professora também. Eu pergunto a ele e a professora pra ver se tá certo mesmo.
ALUNO J	Com a professora, porque ela sabe explicar melhor, ela sabe de tudo já.

Fonte: Coleta realizada pela pesquisadora

De uma maneira geral, analisando as falas dos alunos percebemos em suas respostas que os mesmos tiram suas dúvidas com a professora, não confiando totalmente na resposta dos colegas de classe. Como pode ser observado na fala do **Aluno J** que disse: *“Com a professora, porque ela sabe explicar melhor, ela sabe de tudo já.”* Essa constatação do aluno, pode ser um indicador de como o mesmo enxerga sua relação com a docente, mesmo que a prática da professora em questão se configure como dialógica, de modo que possibilita articular experiências dos educandos aos conteúdos lecionados, o aluno em questão sente mais segurança na mediação exercida pela docente.

O **Aluno I** em sua fala faz uma referência à mediação por meio da interação com o seu colega: *“Mais com o colega que tá mais perto, mas eu tiro com a professora também. Eu pergunto a ele e a professora pra ver se tá certo mesmo.”* Diante da análise da fala podemos constatar que o mediador nem sempre é o professor, mas sim é aquele que é mais eficiente (VYGOTSKY, 1896), podendo ser o colega de classe o qual se aproxima por meio das semelhanças da linguagem usada.

Na fala do **Aluno H** podemos perceber a prática da professora, que por meio de um questionamento do aluno amplia sua voz para tirar possíveis dúvidas que possam existir nos demais educandos, como podemos constatar na sua colocação: *“Com a professora, se eu não sei um significado de uma palavra eu pergunto a ela e ela responde em voz alta para todo mundo ouvir, que às vezes a pessoa tem a mesma dúvida e não tira.”* A essa prática podemos afirmar que é muito importante que o professor trabalhe a partir de dúvidas dos seus alunos e nunca a partir de respostas prontas, ou seja, por meio das dúvidas dos alunos o professor procura fazer novas descobertas de forma coletiva, incentivando o pensamento do aluno e colocando-se como mediador da prática educativa. Esta prática pode favorecer a relação

professor-aluno e incentivar os alunos a levantarem questões. Não seria essa uma prática possível para o desenvolvimento da autonomia do aluno?

Em consonância com Freire podemos afirmar que (1996, p. 13) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” O educando deve em seu percurso de aprendizagem, desde o início de sua vida estudantil, ter as possibilidades de ser autor do seu percurso educativo e isso só será possível mediante as oportunidades ofertadas pela professora a qual por meio de estratégias de ensino proporciona espaços para debate em sala de aula para o enriquecimento do conhecimento por meio das experiências, fazendo indagações aos mesmos nas quais busca nos alunos as respostas necessárias a determinados conceitos, estimulando a curiosidade para que desenvolvam uma percepção mais crítica da realidade.

Tendo esta afirmação em mente realizamos a seguinte pergunta aos alunos: **A professora deixa vocês conversarem sobre as coisas que estão sendo discutidas na aula?** Obtivemos as seguintes respostas:

Quadro 4: Debates acerca da temática discutida em classe

A professora deixa vocês conversarem sobre as coisas que estão sendo discutidas na aula?	RESPOSTAS
ALUNO A	É quando ela sai ela deixa, quando ela vai no banheiro ou quando vai lá na diretoria ela deixa a gente ficar conversando um pouco.
ALUNO B	Deixa, se for outra coisa ela não deixa, ela fala que é para outra hora.
ALUNO C	Deixa, as vezes ela não deixa pq a gente começa a falar sobre o assunto e sem querer a gente desvia.
ALUNO D	Às vezes não, porque a maioria do tempo ela fica escrevendo no quadro aí não dá para falar muito com ela.
ALUNO E	Quando é em grupo ela deixa, quando é individual cada um tem que pensar no que vai

	fazer.
ALUNO F	De vez em quando, quando ela manda interpretar.
ALUNO G	Sim, deixa. Quando ela tá falando sobre alguma coisa ela dá um tempinho pra gente discutir sobre a aula.
ALUNO H	Deixa, mas as vezes não porque a gente às vezes conversa sobre outra coisa.
ALUNO I	Ela deixa, fez até um grupo no whatsapp para tirar nossas dúvidas.
ALUNO J	Deixa, deixa.

Fonte: Coleta realizada pela pesquisadora

Analisando as falas dos alunos podemos considerar que as dúvidas dos mesmos sobre os assuntos discutidos nas aulas são levadas em consideração. Observamos essa postura da docente na fala do **Aluno G** “*Sim, deixa. Quando ela tá falando sobre alguma coisa ela dá um tempinho pra gente discutir sobre a aula.*” O tempo concedido aos alunos durante as aulas para a reflexão, auxilia na absorção sobre determinado conteúdo uma vez que os estudantes mais tímidos conseguem fazer perguntas ao professor por meio dos colegas de classe de uma forma não direcional, além de tornar a aula dinâmica auxiliando na concentração dos alunos.

Além dos momentos de construção e debate em grupo é essencial que o aluno possua espaço e tempo para exercitar seu pensamento de uma forma individual como observamos na fala do **Aluno E** “*Quando é em grupo ela deixa, quando é individual cada um tem que pensar no que vai fazer*”.

Atividades que estimule o pensar, o questionar e o agir criam a possibilidade de desenvolvimento do pensamento crítico, requer do educador a sensibilidade de permitir não intervir até que seja necessário e respeitando o tempo de construção de conhecimento de cada aluno.

Mediante a fala do **Aluno I**: “*Ela deixa, fez até um grupo no whatsapp para tirar nossas dúvidas*”. Comprendemos que a postura da educadora de criar um grupo no Whatsapp com os alunos indica um tocante respeito às dúvidas e questionamentos dos educandos, possibilitando o contato com o professor além do ambiente escolar, utilizando outras ferramentas na construção do conhecimento e aproximando o relacionamento existente entre professor e aluno o que torna a professora mais acessível e aberta a novas formas de comunicação com os educandos, facilitando o processo de mediação.

Nesta direção, Freire (1996, p. 69) afirma que ensinar exige disponibilidade para o diálogo e constata que:

Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo. A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por se saber inacabado. Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. O fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão ao impulso natural da incompletude.

E esse fechamento ao mundo e aos outros mencionados por Freire, impossibilita e constrange o aluno na hora que surgem dúvidas sobre um determinado assunto e os fazem calar ao invés de sanar a curiosidade ou esclarecer um determinado entendimento. A esse respeito realizamos a seguinte pergunta aos alunos: **A professora dá abertura para que vocês tirem as dúvidas?** Vejamos algumas respostas.

Quadro 5: Oportunidade de sanar possíveis dúvidas

A professora dá abertura para que vocês tirem as dúvidas?	RESPOSTAS
ALUNO A	Deixa. Tipo... quando a gente tá fazendo uma dupla de livro essas coisas.
ALUNO B	Sim, ela deixa. Aí ela me responde bem explicadinho.

ALUNO C	Deixa. Inclusive ela fica fazendo perguntas para ver se alguém tá com dúvidas.
ALUNO D	Deixa.
ALUNO E	Ela deixa sim, só não deixa quando não é sobre o assunto.
ALUNO F	Deixa. Só as vezes que não.
ALUNO G	Deixa. Ela pergunta quando tá explicando: “alguma dúvida?” Aí quem tem dúvida levanta a mão.
ALUNO H	Deixa sim.
ALUNO I	Ela deixa só se for sobre o assunto.
ALUNO J	Deixa.

Por meio das respostas listadas na tabela acima, podemos considerar que a professora possibilita que os alunos tirem dúvidas durante a ministração de suas aulas. Após uma explicação sobre determinado conteúdo a professora tem a premissa de questionar os estudantes se possuem alguma dúvida, como podemos perceber na fala do **Aluno C**: “*Deixa. Inclusive ela fica fazendo perguntas para ver se alguém tá com dúvidas*”. Essa postura da docente auxilia no processo de mediação uma vez que os alunos passam a perceber que é natural existir dúvidas após a explicação de um conteúdo e que podem contar com ela em momentos diversos para ampliarem seus conhecimentos.

O professor é o principal responsável por incentivar os questionamentos em sala de aula e considerar as dúvidas que possam existir mediante suas indagações, de modo que sua pergunta não se torne uma retórica, sem o objetivo de obter resposta e sim um incentivo para possíveis inquietudes.

Esse comportamento da professora é reforçado mediante a fala do **Aluno G**: “*Deixa. Ela pergunta quando tá explicando: alguma dúvida?*”. “*Aí quem tem dúvida levanta a mão.*”

Essa dinâmica na sala de aula, em que o aluno sente-se confortável para fazer perguntas ao professor após uma explicação, só é possível quando o professor assume o papel de mediador no processo de aprendizagem de seus alunos, de tal modo que esteja envolvido na construção da autonomia destes alunos.

Assim, a comunicação torna-se fundamental, uma vez que diminui o distanciamento entre aluno e professor por meio da interação social, bem defendida por Vygotsky (1896). De acordo com Freire e Shor (2013, p.14): “O diálogo pertence à natureza do ser humano, enquanto ser de comunicação. O diálogo sela o ato de aprender, que nunca é individual, embora tenha uma dimensão individual”.

Em entrevista com a professora, perguntamos: **Quais os tipos de atividade que você realiza com os alunos que podem leva-los a desenvolver a autonomia?** Em resposta:

Professora- No dia a dia eu vejo essa autonomia neles, todos os dias eu dou esse espaço para eles, porque tem as atividades de perguntas e respostas e eu deixo eles livres para responder e a opinião deles é válida, a opinião deles é muito importante, eu não posso tá questionando, dizendo “tá errado”, tenho que procurar uma forma de eles terem total autonomia.

Observando a resposta da professora podemos considerar que a autonomia deve ser desenvolvida diariamente, as atividades de “perguntas e respostas” mencionadas pela professora proporcionam diferentes formas de debate na sala de aula, possibilitando aos alunos diferentes visões sobre determinado conceito, estimulando sua capacidade de resposta e tomada de decisão. O respeito ao educando e sua forma de conhecimento é parte da prática do professor que em seu exercício busca desenvolver no aluno a criticidade e a autonomia necessária para que o mesmo tome as rédeas do seu processo de aprendizagem.

Questionamos a professora ainda: **Você considera seus alunos autônomos e para você o que é autonomia?**

Professora- Sim. É ter autonomia em sala de aula, é ter pulso, é o que se chama de ter domínio de sala, mas a gente não usa essa palavra mais, é ter pulso.

Ao analisar a fala da professora podemos observar que ela considera sim seus alunos autônomos e, autonomia para ela configura-se como domínio de sala ou autoridade. Vale ressaltar que embora na primeira parte da pergunta ela responda em relação ao aluno, na segunda, quando solicitamos a ideia dela sobre autonomia, a mesma coloca sua prática para

exemplificar. Observamos em Freire (1996) que a questão da autoridade do docente não é negada, todavia essa autoridade não deve ser confundida com autoritarismo, com uso do status do professor para fazer valer, a força suas vontades e ideais. Desta forma, consideramos que a autoridade deve ser construída democraticamente, existindo face a liberdade do aluno, possibilitando ao mesmo participar dos momentos de tomada de decisão, para que possa construir sua autonomia.

O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico. (...) A autoridade docente mandonista, rígida, não conta com nenhuma criatividade do educando. Não faz parte de sua forma de ser, esperar, seque, que o educando revele o gosto de aventurar-se. A autoridade coerentemente democrática, fundando-se na certeza da importância, quer de si mesma, quer da liberdade dos educandos para a construção de um clima de real disciplina, jamais minimiza a liberdade. (FREIRE, 1996, p. 48).

É certo que as relações pedagógicas em sala de aula direcionam a dinâmica do espaço escolar e a mediação do professor é de suma importância para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. Nessa perspectiva a autoridade configura-se como elemento de construção da relação os sujeitos por meio de relações dialógicas pautada nos princípios de liberdade e autonomia.

Em entrevista com os alunos realizamos a mesma pergunta feita a professora. **Para você, o que é autonomia?** Segue o quadro com a resposta dos mesmos:

Quadro 6: O que é autonomia/ visão dos alunos

Para você, o que é autonomia?	RESPOSTAS
ALUNO A	Eu não sei o que é isso.
ALUNO B	Não sei.
ALUNO C	Eu já ouvi falar, mas não consigo lembrar.
ALUNO D	Eu não sei o que é não.

ALUNO E	Acho que já ouvi falar, não sei o que é.
ALUNO F	Não sei, eu penso que é alguma coisa séria de política.
ALUNO G	Já ouvi falar, eu ouvi uma vez no jornal, mas eu não sei não.
ALUNO H	Eu não sei, me lembra uma coisa alta, dinheiro alto.
ALUNO I	É uma coisa que ganhava feito dinheiro.
ALUNO J	Nunca ouvi falar.

Fonte: Coleta realizada pela pesquisadora

Tomando como base a resposta dos alunos compreendemos que os mesmos desconhecem o significado da palavra. Alguns a associam a estrutura da palavra como uma coisa alta, como caracterizado pela fala do **Aluno H** “*Eu não sei, me lembra uma coisa alta, dinheiro alto.*” uma coisa séria que já mencionado no jornal, ou seja algo distante da sua realidade como mencionado pelo **Aluno G** “*Já ouvi falar, eu ouvi uma vez no jornal, mas eu não sei não*”.

Diante das colocações dos alunos podemos considerar que os mesmos desconhecem o significado restrito da palavra autonomia, mas mediante as observações das aulas e análise de suas falas, podemos perceber que os alunos exercem a autonomia no âmbito escolar por meio da mediação da professora, a qual propõe atividades que os possibilitam refletir sobre sua realidade e dialogar com os colegas de classe, assim como a independência na realização de atividades e tomadas de decisão em diversos momentos do dia-a-dia na escola.

A esse respeito podemos considerar que a mediação da professora no exercício de sua atividade docente considera os saberes dos alunos adquiridos por meio de experiências diárias, os quais enriquece a aula promovendo o diálogo e a troca de experiências, oportunizando um espaço para que o aluno sinta confiança em expor sua opinião. Essa postura da professora é de suma importância para o desenvolvimento da autonomia do educando no âmbito escolar.

5 CONCLUSÃO

Mediante a presente pesquisa sobre a mediação pedagógica no ensino fundamental, podemos considerar a sua relevância na área da educação por nos possibilitar a reflexão sobre a relação entre mediação pedagógica e a construção da autonomia do sujeito no âmbito escolar, proporcionando um melhor entendimento acerca da relação docente/aluno e aluno/aluno uma vez que é a através da relação com o outro, pelo processo sociointeracionista que segundo (VYGOTSKY, 1896), o sujeito se constitui socialmente mediatizado pelo mundo.

Observamos que, ainda hoje, muitas práticas docentes ocorrem por meio de uma mediação tradicional, não levando em consideração o aprendizado do aluno como sendo o elemento mais importante, assim como, tornando a interação monológica, onde apenas o professor tem vez e voz na escola. Desta forma, o desenvolvimento da autonomia dos educandos fica comprometido, assim como todo seu processo de aprendizagem.

Com o intuito de darmos conta dos objetivos traçados para esta pesquisa, verificamos por meio das observações das aulas e das entrevistas realizadas com a docente e com alunos, que a mediação da professora alinhada a sua metodologia de ensino volta-se para uma perspectiva de desenvolvimento da autonomia do educando a qual ocorre de maneira contextualizada com a vida do aluno.

Verificamos, ainda que, mesmo que em entrevista a professora tenha afirmado que sua metodologia de ensino seja tradicional e sua definição sobre autonomia não tenha sido muito clara e precisa, sua prática mostrava que sua mediação estava pautada em um ensino dinâmico, reflexivo e democrático, contribuindo sobremaneira para a construção do aprendizado e da autonomia dos alunos.

As práticas da professora caracterizaram-se como boas práticas de ensino, as quais oportunizam ao aluno o espaço para reflexão sobre sua realidade, fazendo o uso de perguntas reflexivas que proporcionavam momentos de debate em sala de aula. Destacamos o trabalho nas aulas de matemática com a utilização de materiais manipuláveis para enriquecer os exemplos do conteúdo proposto por meio da experimentação e da reflexão.

Desta feita, inferimos que a mediação pedagógica através da relação professor/aluno, ocorre por meio de um respeito mútuo entre a docente e os educandos. O que faz com que o papel do professor não seja o de transmissor de conhecimentos, mas de mediador entre o aluno e os diferentes saberes.

Compreendemos ainda que, a mediação observada no decorrer das aulas influencia de maneira direta na construção da autonomia do sujeito e, que, nem sempre o professor será o mediador. Ou seja, muitas vezes o mediador será aquele que é o mais eficiente, podendo ser, inclusive um colega de classe por sua aproximação e tendo a linguagem como um dos principais elementos de interação entre os alunos.

Identificamos em vários momentos que a professora passa o papel de mediador para os alunos quando solicita que os mesmos expliquem alguma atividade uns para os outros, compreendendo que os alunos, por sua aproximação por meio da interação social existente entre eles, conseguem entender e se fazer entender melhor do que a própria docente. Esta também é uma atitude docente que colabora com o desenvolvimento da autonomia do aluno.

A autonomia é observada em diferentes momentos os quais os estudantes se posicionavam e expunham sua opinião de maneira assertiva sobre o assunto estudado, além de fazerem ligações conceituais as quais davam sentido ao conteúdo. Mesmo que em entrevista com os alunos os mesmos afirmassem desconhecer o significado restrito da palavra autonomia, identificamos por meio da observação das aulas que há indícios da construção da autonomia pelos alunos.

Dessa forma podemos considerar que a prática da professora contribui para a construção da autonomia do aluno. Por meio de sua mediação, proporciona espaços para a reflexão crítica e reflexiva sobre os conteúdos propostos e, também sobre a realidade social dos alunos, tornando-os mais participativos por meio da sua interação ativa, tomadas de decisão, abrindo novas possibilidades para o seu desenvolvimento intelectual e social.

REFERÊNCIAS:

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

BRASIL. Constituição (2015). Lei nº 13.140, de 26 de junho de 2015. . Brasília, DF, 26 jun. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13140.htm. Acesso em: 07 jan. 2020.

BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Ministério da Educação (Org.). **CACS- FUNDEB**: Conselho de acompanhamento e controle social do FUNDEB. 2017. Disponível em: https://www.fnde.gov.br/fnde_sistemas/cacs-fundeb. Acesso em: 08 dez. 2019.

COSTA, Isabel Marinho da. **Concepções de mediação pedagógica**: a análise de conteúdo a partir da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD (200-2010). 2013. 164 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1vj9TurjnJ5Niv_CiB3vEZNv92I_sXcbE. Acesso em: 07 jan. 2020.

COLE, Michael (org.). **A formação social da mente: Vygotski, I.S.** Vygotski, L.S. 4. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes editora Ltda., 1991. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/1/my-drive>. Acesso em: 16 mar. 2020.

FONTANA, Roseli A. Cação. **Mediação pedagógica na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Autores Associados, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática docente. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JOÃO PESSOA. Prefeitura Municipal de João Pessoa. Secretaria da Educação (Org.). **Prefeitura inicia aplicação de provas do programa Escola Nota 10.** 2011. Disponível em: <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/prefeitura-inicia-aplicacao-de-provas-do-programa-escola-nota-10/>. Acesso em: 08 dez. 2019.

JUNCKES, Rosani Casanova. A prática docente em sala de aula: mediação pedagógica. **SIMPÓSIO SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES-SIMFOP**, v. 5, 2013.

LUDKE, M e ANDRÉ, M. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas.** São Paulo, EDU, 1986.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

PETRONI, Ana Paula; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. Vigotsky e Paulo Freire: Contribuições para a autonomia do professor. **Diálogo Educação**, Curitiba, v. 9, n. 27, p.351-361, ago. 2009. Disponível em: [file:///C:/Users/Eryelle%20Mota/Downloads/3601-5896-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Eryelle%20Mota/Downloads/3601-5896-1-SM%20(1).pdf). Acesso em: 07 jan. 2020.

QUINTANS, Alexandre (org.). **Professores da Rede Municipal passam por mais um processo de formação do programa Geração Alfabetizada.** 2019. Disponível em: <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/professores-da-rede-municipal-passam-por-mais-um-processo-de-formacao-do-programa-geracao-alfabetizada/>. Acesso em: 27 jan. 2020.

RODRIGUES, Fredy Coelho; GAZIRE, Eliane Scheid. Reflexões sobre uso de material didático manipulável no ensino de matemática: da ação experimental à reflexão. **Revista Eletrônica de Educação Matemática**, v. 7, n. 2, p. 187-196, 2012.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Ed Ridendo Casting Mores, 1896. Disponível em: www.jahr.org. Acesso em: 19 ago. 2019.

APÊNDICE

ROTEIRO PARA ENTREVISTA PROFESSORA

- 1) Qual sua idade?
- 2) Qual sua formação?
- 3) Tempo de atuação na sala de aula? Qual ano você tem mais experiência?
- 4) Você participa de algum tipo de formação continuada ?
 - a) Formação continuada, se sim- Qual? Onde? Qual a oferta?
 - b) Especialização?
 - c) Mestrado?
 - d) Doutorado?
- 5) Como você considera a sua relação com os alunos?
- 6) Quais as metodologias que você utiliza na realização das aulas?
- 7) O que você entende por mediação?
- 8) O que você entende por mediação pedagógica?
- 9) Na sua opinião o que é autonomia?
- 9) Você considera seus alunos autônomos?
- 10) Quais os tipos de atividade que você realiza com os alunos que você observa maior autonomia?
- 11) Que tipo de atividades você realiza para desenvolver maior autonomia nos alunos? Quais?

ROTEIRO PARA ENTREVISTA ALUNOS

- 1) Como é sua relação com a professora?
- 2) A professora deixa vocês conversarem sobre as coisas que estão sendo discutidas na aula?
- 3) A forma como ela ensina um assunto novo, você consegue entender facilmente ou tem dúvidas?
- 4) Vocês tiram as dúvidas mais com a professora durante a aula ou com algum colega de classe? Por quê?
- 5) A professora dá abertura para que vocês tirem as dúvidas?
- 6) Para você, o que é autonomia?